

COMENTÁRIO BÍBLICO

13º Domingo Comum – Ano A

28jun2020

Gênesis 32,22-32; Salmo 17,1-7.15; Romanos 6,3-11

S. Mateus 10,34-42

³⁴«Não pensem que vim trazer a paz à Terra. Não vim trazer a paz, mas a guerra. ³⁵Vim, de facto, trazer a divisão entre filho e pai, filha e mãe, nora e sogra: ³⁶os inimigos de uma pessoa serão os da sua própria família.

³⁷Aquele que amar o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim; e o que amar o filho ou a filha mais do que a mim, não é digno de mim. ³⁸Aquele que não pegar na sua cruz e não me seguir, não é digno de mim. ³⁹Aquele que pensa que tem a sua vida segura, perde-a, mas aquele que perder a sua vida por minha causa é que a tem segura.»

⁴⁰«Quem vos receber é a mim que recebe, e quem me receber recebe aquele que me enviou. ⁴¹Quem receber um profeta, por ser profeta, terá uma recompensa de profeta; e quem receber um justo, por ser justo, terá a recompensa de justo. ⁴²E aquele que der um simples copo de água fresca a um dos mais pequeninos destes meus discípulos, por ser meu discípulo, garanto-vos que não ficará sem a sua recompensa.»

1. O Evangelho de hoje é a parte final do Discurso missionário de Jesus aos seus apóstolos sobre a missão a que os envia. E começa com uma frase bem difícil de se entender: «*Não pensem que vim trazer a paz à Terra. Não vim trazer a paz, mas a guerra*». Como interpretar estas palavras? Será que Jesus era um homem violento?

Nos Evangelhos a única manifestação de violência da parte de Jesus referida é a expulsão dos vendedores do Templo (S. João 2, 13-17). E mesmo esta foi interpretada pelos discípulos como um sinal de zelo pela casa do Pai (Salmo 69,10). Ao contrário, descrevem-se muitos e diversos episódios em que se humilhou perante acusações injustas e autoritarismo prepotente, com o nível mais elevado na sua paixão e morte. Além disso, Jesus advogou com clareza a sua adesão à não-violência ao declarar: “*Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem*” (S. Mateus 5, 43-48). E o Apóstolo Paulo, por sua vez, escreveu: “*Jesus é nossa paz*” (Efésios 2, 8-16). Mas, então, como podia Jesus ter dito aquela frase: “*Não vim trazer a paz, mas a guerra.*”?

Repare-se na profecia do justo e piedoso Simeão, ao ver o menino quando foi apresentado no Templo: “*Eis que este menino foi colocado para a queda e ressurgimento de muitos em Israel, e como sinal de contradição / divisão*” (S. Lucas 2, 34). Aqui está a base de interpretação daquela frase. Não, Jesus não foi violento nem nunca incitou à violência. Apenas, foi “sinal” de contradição, de divisão entre os homens, manifestando, assim, a radicalidade da mensagem do Reino de Deus.

2. É neste contexto que Jesus nos vem dizer que veio para criar inimizade nas relações familiares: “*Vim, de facto, trazer a divisão entre filho e pai, filha e mãe, nora e sogra: os inimigos de uma pessoa serão os da sua própria família*”. Entendamos, Jesus não veio para quebrar as estruturas familiares. Pelo contrário, advoga o amor a ter na família e critica as tradições dos fariseus que

o põem em causa, desvirtuando o mandamento de Deus (*Honra teu pai e tua mãe*) com regras que os desvinculavam do cuidado a ter com os pais (ver: S. Mateus 15, 3-6; S. Marcos 7, 8-13). Isto levamos a pensar que a família já era um problema com que se confrontava a comunidade cristã primitiva. Até o Apóstolo Paulo lhe dedicou atenção indicando a sua posição sobre ‘a moral doméstica’ cristã, aconselhando o que na altura era a conduta esperada dos membros da família (Colossenses 3, 18-4,1; Efésios 5, 22-6, 9), consoante as perspetivas do Direito Romano e da sociedade do império. Ora, para aquele Direito o que interessava não era o amor na família, mas, a instituição familiar como ‘unidade económica’ centrada na autoridade (poder) do *páter-famílias* e na propriedade. Isto é, a família como unidade através da posse e da capacidade de decisão do pai sobre a esposa, os filhos e, se os havia, os servos e os escravos. Do amor, nem pensar. E como sabemos – hoje mais do que nunca – é na desigualdade económica entre homem e mulher e na, ainda, tradicional ‘autoridade’ do homem que residem as causas mais determinantes da violência brutal que destrói famílias e custa a vida a tantas mulheres.

3. A família não se escolhe. Nascermos nela e nela descobrimos as tramas da convivência e dum olhar sobre o mundo. As escolhas vêm mais tarde, ditadas por circunstâncias outras que vamos digerindo à luz do que apreendemos na família de berço e na cultura de que somos parte. Isto é, somos um produto. Mesmo quando, mais tarde, somos “agentes” de uma nova família nunca nos desprendemos totalmente da “marca” que nos afagou e moldou, a família que não escolhemos. Ora, tal significa que muito nos custa – se tal humanamente é possível – desvincularmo-nos do relacionamento natural à família que nos gerou, ou, relegarmos para um segundo plano os laços que nos fizeram o que somos. Pois, esta é a questão que Jesus nos apresenta quando diz: *“Aquele que amar o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim; e o que amar o filho ou a filha mais do que a mim, não é digno de mim”*. Mesmo que o não compreendamos ou que não o aceitemos esta é a condição primeira para seguir e servir a Jesus. A radicalidade da mensagem do Reino implica que nenhuma instituição, mesmo a família, possa ser colocada acima de Deus. O primeiro mandamento determina: *Não terás outros deuses diante de mim*. Então, percebemos agora que quando Jesus diz ter vindo criar a ‘divisão’ entre membros da família não quer dizer destruir a família. Ele quer tão só avisar-nos que as escolhas que fazemos na perspetiva do Reino de Deus podem abalar as estruturas de vida com as quais estamos acostumados. Assim nos chama a essa outra realidade que é a de reconhecermos que o Evangelho pode trazer conflito familiar e colocar essa questão sob o prisma do amor doador de Cristo. E isso é carregar a cruz dentro da própria família.

4. Ser cristã(o) é muito exigente: *“Aquele que não pegar na sua cruz e não me seguir, não é digno de mim”*. Quando a família se constrói baseada no amor ganha a sensibilidade própria da atenção e do cuidado pelo(a) outro(a) levados ao ponto duma partilha inteira e denodada, do sacrifício até, se a(o) outra(o) se sentir particularmente chamado(a) a seguir e servir a Cristo. E isto constitui a realidade processual da fé, o processo de crescimento na confiança que, quantas vezes implica a *luta* com Deus (como Jacob Génesis 32, 22-32). Nessa altura, a Oração do Inocente *“Dirige os meus passos nos teus caminhos, para que nunca me desvie deles”* (Salmo 17,5) em palavra não dita, de olhos fechados, num silêncio que leva ao mais profundo da alma. Aí, sim, aí percebemos que estamos *“vivos para Deus em Cristo Jesus”* (Romanos 6,11), confiantes na promessa divina, prontos para manifestar com os outros e para os outros o ‘andar’ com Deus.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana